



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE - PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ADRIANO FERREIRA DOS SANTOS

**A MITOLOGIA DOS ORIXÁS E A LEI 10639/03:
PERSPECTIVA PARA PENSAR AS RELIGIOES DE MATRIZ AFRICANA**

**CAMPINA GRANDE – PB
NOVEMBRO/2011**

ADRIANO FERREIRA DOS SANTOS

**A MITOLOGIA DOS ORIXÁS E A LEI 10639/03:
PERSPECTIVA PARA PENSAR AS RELIGIOES DE MATRIZ AFRICANA**

**Monografia apresentada ao
Departamento de História do
Centro de Educação da
Universidade Estadual de
Paraíba, como requisito para
concluir o curso de Licenciatura
Plena em História.**

Orientador (a): Prof^a. Dr. Patrícia Cristina da Aragão Araujo

**CAMPINA GRANDE – PB
NOVEMBRO/2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237m

Santos, Adriano Ferreira dos.

A mitologia dos orixás e a lei 10639/03 [manuscrito]: Perspectivas para pensar os mitos dos orixás no filme besouro e o ensino de história /Adriano Ferreira dos Santos. – 2011.

46 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo, Departamento de História”.

1. Mitologia Iorubá 2. Cinema 3. Mitos 3. Ensino de História I. Título.

21. ed. CDD 398.2

ADRIANO FERREIRA DOS SANTOS

**A MITOLOGIA DOS ORIXÁS E A LEI 10639/03:
PERSPECTIVA PARA PENSAR AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO
ENSINO DE HISTÓRIA**

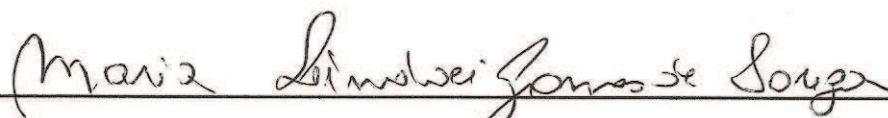
APROVADO EM 30 / 11 / 2011

Orientador:

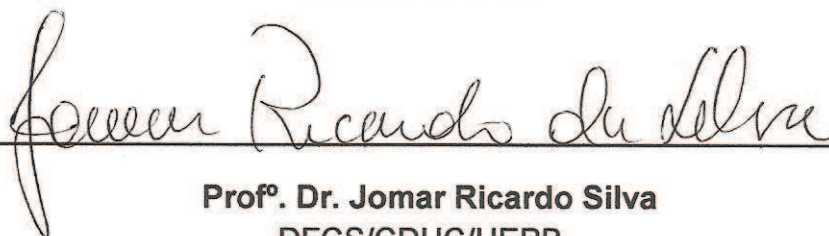


Profª. Drª. Patrícia Cristina da Aragão Araujo
DH/CDUC/UEPB

Examinadores:



Profª. Drª. Maria Lindaci Gomes de Souza
DH/CDUC/UEPB



Profº. Dr. Jomar Ricardo Silva
DFCS/CDUC/UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico em especial este trabalho a minha mãe Vilvandra, minha irmã Andrea Tereza, meu avô Valdemir Ferreira da Silva (*in memoriam*) pela dedicação, amor, carinho e esperança depositada em mim e a minha namorada Ana Flávia, pelos inúmeros puxões de orelha, como incentivo, por acreditar em meu potencial, e lembrar-me do quanto sou capaz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus (não importa qual nome se dá ao Todo Poderoso, pois a essência é a mesma, o que muda é apenas a nomenclatura, Jeová, Ala, Olorum, Brahma etc.) pelas oportunidades que me foram dadas na vida, principalmente por ter conhecido pessoas e a Paraíba que tanto aprendi a amar, e agradeço também os momentos difíceis os quais foram importantes no meu processo de aprendizado.

Não posso deixar de agradecer aos meus familiares, minha avó Nadir, minha mãe Vilvandira, minha irmã Andréa e a minha namorada Ana Flávia (namorada, companheira, amiga, conselheira e nos últimos dias deste trabalho avaliadora deste trabalho, dando-me a sua impressão sobre este trabalho), sem os quais não estaria aqui, e por terem me fornecido condições para me tornar o profissional e homem que sou.

Aos meus amigos (as) Ramon Alcântara, Tiago TJ, Samara Vieira, Safira Guimarães, Nildo, M^a Sallete, Heberte Vieira, Italo (o Judeu) e muitos outros amigos (as) que conheci ao logo dessa jornada. Muitos destes, me forneceram bons momentos de discussão sobre o tema a ser abordado.

Agradeço a minha orientadora e amiga Patrícia Cristina, pelas boas conversas que tivemos, pelo seu entusiasmo pelo tema, me fornecendo materiais e pelos debatendo, seja pessoalmente, telefone ou por e-mail, obrigado pela paciência ao lidar com minhas dúvidas diante da pesquisa e muito obrigado por acreditar em mim.

Agradeço aos professores doutores que compõem a banca avaliadora deste trabalho: Prof^a Dr^a. Maria Lindaci Gomes de Souza e o Prof. Dr. Jomar Ricardo Silva.

Várias pessoas me auxiliaram neste trabalho (são tantos que não caberiam). A todos só posso dizer: Muito Obrigado!

CANTO PARA OXALÁ

(Domínio Público)

Oni saurê
Aul axé
Oni saurê
Oberioman

Oni saurê
Aul axé babá
Oni saurê
Oberioman
Oni saurê

Babá saurê
Aul axé
Baba saurê
Oberioman
Baba saurê
Aul axé babá
Baba saurê
Oberioman
Baba Saurê

Ah, ah, ah...

RESUMO

Neste trabalho temos por objetivo problematizar sobre os mitos afro-brasileiros na perspectiva de uma educação das relações étnico-raciais no ensino de história por meio da abordagem do filme Besouro. Como ancora metodológica, trabalhamos com análise de conteúdo tendo com corpus o filme Besouro, abordando como este reflete sobre os orixás tornando possível uma aprendizagem significativa na educação básica. Nossa proposta é mostrar como os mitos afro-brasileiros podem ser visualizados através deste filme apresentado neste estudo como uma linguagem facilitadora e recurso didático-pedagógico no ensino de história, que pode motivar a aprendizagem dos mitos afros, nas aulas de história permitindo aos alunos que esses compreendam sobre a mitologia dos orixás através do ambiente fílmico. Essa pesquisa nos permitiu compreender a dimensão educativa dos mitos afro-brasileiros consubstanciados através do filme, em que mostramos às possibilidades educativas destes, na discussão das religiões afro-brasileiras, em que nele procuramos compreender a dimensão educacional dos mitos afro-brasileiros na vertente iorubá no intuito de mostrar o sentido educativo deste entre alunos do ensino fundamental nas aulas de história.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia Ioruba. Cinema. Ensino de História.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. AS REPRESENTAÇÕES DOS MITOS AFRICANOS E O ENSINO DE HISTÓRIA.	22
2.1 A discussão em torno de representação e mitos afro-brasileiros	24
2.2 O cinema e os mitos afro-brasileiros	29
3. OS MITOS IORUBÁS NO FILME BESOURO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA.	33
3.1 A temática afro-brasileira na escola e sua importância na discussão dos mitos dos orixás.	36
3.2 Análises do filme Besouro.	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Se no primeiro ano do curso de historia alguém me perguntasse qual motivou me levou a interessar-me pela cultura africana e afro-brasileira, eu não saberia responder, mas hoje problematizando as películas da minha vida passei a entender os motivos que me levaram a escolher este caminho, antes de qualquer coisa, gostaria de lembrar uma frase que nunca me esqueço, porém a pessoa quem a falou não me recordo, lembro-me que foi durante uma das aulas de Prática Pedagógica oferecida pelo curso de História, no qual discutíamos sobre temas de pesquisa, onde nos foi questionado sobre o que nos leva a escolher um determinado tema para pesquisa, e uma frase me chamou atenção e me levou a entender o porque me interesse tanto pela temática da cultura afro-brasileira, a frase é “Nossos temas de pesquisa, são escolhidas por nós, por estes fazerem parte dos nossos medos, anseio e curiosidade, por estes nos tirar do nosso lugar seguro, por nos fazer ir além do que estávamos habituados e acreditávamos conhecer”.

Esta frase me fez voltar no tempo e problematizar minha educação familiar, como muitos outros somos frutos de uma educação cristã, e tudo que era desconhecido neste mundo estavam ligados a uma pedagogia do medo, as manifestações culturais e religiosas do povo negro que ocorriam a minha volta me eram apresentadas por parentes como sendo algo demoníaco, mesmo sendo eu descendente de avós negro, durante minha infância e adolescência toda manifestação cultural e religiosa negra tinha para mim um gosto de curiosidade e medo, a curiosidade era suplantada pelo medo. Quando escolhi o curso de história como ciência que nortearia minha vida, resolvi trabalhar com os temas que me despertaram curiosidade e medo.

Durante os meus anos no curso de historia trabalhei com temas sobre história da morte e cemitérios, em qual o significado da morte para nós, e em como nos rituais fúnebres podemos perceber uma miscelânea da cultura africana, europeia e americana. Sobre os cemitérios escolhi sem muito sucesso por falta de parceiros de outras áreas, trabalhar a problemática da incidência de doenças das populações que moram perto dos cemitérios, e como estes foram engolidos pelas cidades. No tocante ao meu maior medo antes apresentados para mim com espíritos, encostos,

intensidades hoje para mim deuses orixás trabalhar com esse tema hoje se tornou algo prazeroso mesmo tento consciências das dificuldades encontradas ao propor abordar tal temática, da mitologia dos orixás e de sua organização o que me despertou atenção foi a forma como seu panteão é organizado, do mais velho para o mais jovem, a qual reflete a organização social das tribos iorubas onde os mais velhos são transmissores de conhecimento e a presença deste na comunidade é tida como uma benção pois este traz consigo o conhecimento dos acontecimentos e respostas para os anseios da comunidade.

Deste modo, no momento em que o ser humano passa a conhecer sua história, este passa também a construir sua identidade. É o que ocorre no contexto da tradição oral na cultura dos africanos que foram “trazidos” para o Brasil. Essa tradição tem papel importante nesse processo em que ela tornou-se o cordão umbilical que liga o povo negro escravizado no Brasil ao continente africano.

O pai conta para o filho o que ouviu de seu avô e aí por diante. A tradição oral é responsável pela manutenção do conhecimento do povo negro. A mitologia lorubá foi instrumento deste processo no território brasileiro. Aqui construíram uma realidade por meio do que Roger Chartier Apud Carvalho, (2005, p. 149) chama de representações coletivas em meio a uma convivência social, sendo esta baseada em representações de um mundo transcendente, onde os deuses orixás são responsáveis por meio de seus mitos, a oferecer condições para que estes encontrem em suas lendas o caminho que os mantiveram conectados a África. Aqui se criou novos sentimentos e significados, sendo estes ligados aos conceitos culturais de suas etnias no continente africano.

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendente a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção do mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHATIER, 1990, p. 17)

Em meados do século XVII o nosso país passou a conviver com as mais variadas formas de expressão da cultura africana, culinária, dança e religiões, dentre

elas o culto aos orixás que no decorrer dos anos acabou por adquirir vários adeptos no território brasileiro (LEITE, 2006, p.67).

Porém a cosmovisão de mundo do povo negro era relacionada ao profano já que diferia da doutrina cristã, religião então predominante. Neste processo o sincretismo pode ser entendido como o processo de resistência no campo religioso por parte do povo negro, da fusão do cristianismo ao culto dos orixás predominou os valores do cristianismo católico, assim, os orixás antes deuses no panteão lorubá filhos de Olorum foram equiparados aos santos católicos PRANDI (2001). Estes deuses adquiriram características que antes não faziam parte da concepção de mundo lorubá, tornando o sincretismo um preço alto da sobrevivência dos orixás. PRANDI (2001) ao chamar atenção a estes aspectos enfatiza que:

O sincretismo não é, como se pensa, uma simples tábua de correspondência entre orixás e santos católicos, assim como não representava o simples disfarce católico que os negros davam aos seus orixás para poder cultuá-los, livres das intransigências dos senhores brancos, como de modo simplista se ensina nas escolas até hoje (PRANDI, 2001, p.6)

A questão exposta pelo sociólogo Reginaldo Prandi (2001) corrobora para a proposta deste trabalho que é problematizar sobre o mito lorubá em suas concepções tradicionais sem qualquer menção a “caboclos e espíritos” produzidos pela fusão da religião dos orixás e cristianismo, pois assim como Prandi (2001), acredita-se que o sincretismo representa a captura da religião dos orixás por um modelo religioso que apresenta, sobretudo, uma concepção maniqueísta¹ que consiste na existência definida de dois lados distintos que influenciam as ações dos seres humanos, de um lado o bem e do outro o mal; um conflito de valores (virtude x pecado). Esse entendimento não faz parte da cultura africana e sem da concepção cosmológica judaico-cristã (2001)

Os preceitos de antigas religiões politeístas e sua relação com os seres humanos e os deuses, eram presididos por rigor sacrificais e pelo tabu, como é o

¹ **O maniqueísmo** é uma forma de pensar simplista em que o mundo é visto como que dividido em dois: o Bem e o Mal.

caso das religiões dos orixás onde cada orixá tem suas normas determinadas que prescrevam e restrinjam de forma individual e adequada aos seus devotos.

Deste modo, não há um código de conduta aplicável a toda a sociedade do terreiro indistintamente, como ocorre no cristianismo, em que há uma única lei e esta segundo Prandi (2001) é “[...] a chave para o estabelecimento universal de um sistema que tudo classifica como sendo do bem ou do mal, em categorias mutuamente exclusivas.”

A mitologia lorubá é o alicerce das religiões de matrizes africanas no Brasil, é por meio dela, da mitologia, que se dá à organização dos terreiros, tanto no tocante ao espaço físico quanto o ritual, o mito nesse contexto assume sua função educacional por transmitir conhecimento, juízo de valor e normas sociais a aqueles que partilham da concepção de mundo dos povos de terreiro.

É importante que o leitor entenda que a idéia de verdade é relativa em relação ao mito. Para Rocha (1996), “[...] a própria definição de verdade é problemática, mesmo porque o mito não parece estar muito preocupado com ela.”

Percebe-se que homens e mulheres ao longo dos anos procuram explicação para a origem das coisas, e essa procura permeia em vários âmbitos, como o surgimento da vida na terra, e do próprio homem. A ciência por meio de observação e experimentos busca a compreensão de tais fenômenos.

As religiões encontram no mundo sobrenatural resposta para este anseio. “A temática das origens das coisas sempre foi uma preocupação de muita gente. Conseqüentemente, a origem do mito não poderia estar ausente desta constante divagação sobre as origens de tudo.” (ROCHA, 1996, p. 11).

Assim, não poderia ser diferente no tocante aos povos de cultura lorubá em que o mito é o alicerce nas religiões que cultuam os orixás, pois é por meio do mito que se baseia a vida cotidiana dos praticantes e neles há explicações para o surgimento do mundo e dos seres humanos.

Acredita-se que o povo brasileiro merece conhecer a mitologia lorubá separada dos valores sincréticos em sua concepção maniqueísta de bem e mal. A muito se fala em dívida com o povo africano, mas acredita-se que esta dívida por se só pode ser o fator motivador para a exploração dos temas da cultura africana e afro-brasileira, mas o fato do povo brasileiro ter uma herança ancestral africana reforça a idéia de busca da história da nossa identidade.

Pautado na lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira, a proposta deste trabalho é explorar os eventos culturais do povo negro, possibilitando assim verificar como está sendo o processo de inclusão do ensino da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar.

Em vigor há oito anos a lei 10.639/03 ainda é um desafio aos professores que precisam de tempo e incentivos governamentais para entender e problematizar questões referentes à história e cultura afro-brasileira, já que em proporção a população do território brasileiro ainda tem poucos educadores que trabalham com o tema.

Esta lei 10.639/03 tem como preceito uma educação, plural, laica e inclusiva que contemple tradições e credos dos povos no país. A mitologia é o reencontro com a ancestralidade, e é por meio dela que os adeptos reafirmam sua identidade africana brasileira, a partir da proposta de diálogo com a lei 10.639/2003, se observa como os deuses lorubás são retratados no cinema brasileiro.

O cinema constitui-se como meio de entretenimento capaz de atingir os mais variados públicos e por meio dele o educador poderá transformar o que era só diversão em uma ferramenta educacional. Em se tratando de filmes, deixa-se claro que o cinema faz uso da licença poética, assim, este não está condicionado à idéia de verdade, realidade ou verossimilhança dos fatos. Os filmes em sua maioria têm como proposta somente divertir o público.

O mito é o eixo problematizador deste trabalho, entendendo-o enquanto possibilidade na promoção de uma educação anti-racista e o cinema como ferramenta pedagógica. Nesse contexto toma-se como objeto de pesquisa o filme *Besouro*, cujo enredo discute a questão em torno do herói Besouro e dos deuses lorubás. Analisou-se este filme conforme a forma como os deuses são retratados, e a conjuntura de sua produção já que *Besouro* é uma produção pós o advento da lei 10.639/03, estreando nos cinemas em 2009.

Este trabalho sugere que o educador proponha aos alunos um novo olhar sobre os filmes que têm como proposta principal os deuses da mitologia iorubana. Entende-se que filmes são documentos, estes nos remetem não só ao tempo relatado na película, mas também ao tempo dos seus produtores, estes muitas vezes traduzem mais o tempo vivido por seus criadores do que o tempo proposto pelo filme.

Todo filme é um documento desde que corresponda a um vestígio do passado remoto ou imediato, embora a historiografia aponte que são documentos a partir da concepção da História pelo historiador e o valor essencial do documento, tornando-o objeto de pesquisa e análise. (FERRAZ, 2006, p.04).

O filme é a representação de uma história narrada por meio de representações áudio/visuais, ou seja, os sons e as imagens em movimento traduzem um enredo inspirado em aspectos sócio-culturais de pessoas inseridas em contextos que podem se identificar com as questões abordadas pela película que se tornaria um instrumento na construção do conhecimento desde que as reflexões sejam estimuladas e utilizadas de maneira adequada.

Nada impede o professor e o pesquisador de utilizarem um filme como documento para pensar a sociedade, a história, as ciências, a linguagem. Mas, antes de tudo, um filme é um filme, um documento diferente do texto escrito, da iconografia, do gráfico. Um filme é um ramo da Arte que não é um livro, um quadro, uma peça musical ou teatral, embora possa dialogar com todos esses veículos e linguagens. Portanto, quais as regras básicas de linguagem que estão por trás de um filme? (NAPOLITANO, 2009, p. 14)

Através do filme é possível estimular os sentidos do espectador explorando áreas sensoriais, emocionais, intuitivas e racionais, formando um elo entre o presente e o passado proposto, objetivando assim reflexões. Portanto, o cinema enquanto recurso nas aulas de História é uma ferramenta de apoio fundamental para uma abordagem crítica dos temas propostos pelo professor, acreditando-se ser algo prazeroso para a análise posterior dos alunos. Napolitano (2003) conclui que:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12).

Defende-se uma escola em que esta não seja totalmente centrada em si, ou seja, alheia aos acontecimentos necessidades e aos desejos do seu corpo de alunos. A Escola precisa direcionar o seu olhar para além de seus muros, entenderem que seu corpo de aluno não é uma página em branco, estes vão para a escola com suas concepções de mundo e seus valores.

É dever da escola, combater todo e qualquer tipo de preconceito, é preciso que esta possa romper com as barreiras que impedem esse avanço, não ser passivo diante das disposições que as instituições governamentais lhes inferem não permitindo que a educação permaneça nessa atrofia conceitual, pois é ampliando o olhar em direção a educação em que as diferenças sejam respeitadas, que a educação anti-racista torna-se uma necessidade imediata. Como já foi citada anteriormente uma lei foi sancionada no ano de 2003 e o que tange as diretrizes dessa lei ainda não foi contemplada.

Os mitos relacionados à cultura africana e afro-brasileira durante muito tempo ficaram de fora do debate nas salas de aula, de todo continente africano somente o Egito foi contemplado nos livros didáticos, deixando de fora as concepções de mundo da região lorubá².

A mitologia dos iorubás engloba toda a visão de mundo e as religiões dos iorubás, tanto na África (principalmente na Nigéria e na República do Benin) quanto nos países da América do sul, onde influenciou ou deu nascimento a várias religiões, tais como a Santería em Cuba e o Candomblé no Brasil em acréscimo ao transplante das religiões trazidas da terra natal.

Durante as aulas e debates do grupo de pesquisa do PROPESQ/UEPB realizadas na universidade, nos ajudou a entender que, o conhecimento para o povo africano, no nosso caso os lorubás, e seus descendentes durante um longo espaço de tempo foi e ainda é transmitido por meio da oralidade, assim se entende que há duas vias de transmissão do conhecimento da tradição oral, que ocorrem pela fala e pelo canto.

Estes têm como função dentro das comunidades de terreiro, a transmissão dos costumes e normas educacionais dos povos que cultuam os Orixás. Deste modo, atualmente, a culminância das novas tecnologias de comunicação fez com que os mitos lorubás antes representados por símbolos e estátuas, fossem agora no cinema transfigurados em personagens, no cinema os orixás ganharam expressão, e em alguns casos são a própria representação dos mitos antes vistos nos livros.

No contexto cinematográfico há a visão do autor na maioria das vezes bem romantizada, em que detalhes sobre os deuses lorubás passam despercebidos aos

² Região que compreende hoje, Nigéria, Beni, Togo e Serra Leoa

olhos dos espectadores, fato esse que não deve ocorrer aos olhos do educador, que, recebendo a devida capacitação no tocante ao que a lei precede, este estará atento e pronto para problematizar as cenas.

O mito neste trabalho tem sua abordagem voltada para sua função educacional. Neste sentido, considera-se que o mito tem como finalidade expressar a existência humana e sua relação com o divino. Sendo transmitidos pela tradição oral, os mitos, sob a aparência de lendas, implicam sempre em significados simbólicos, desenvolvem-se no plano do sagrado.

Os mitos têm deuses como personagens e se referem geralmente à criação do mundo e dos homens, a música e as lendas corroboram no tocante ao processo de aprendizado, assim as lendas possuem sentido didático, visam explicar ou historiar fatos e lições de vida, como a origem das coisas, os fenômenos da natureza e os personagens sobrenaturais, os feitos de heróis.

A transmissão oral do conhecimento tem como função a manutenção dos costumes e normas educacionais deste povo, de forma em que os mais velhos integrantes de um determinado grupo transmitem aos mais jovens o conhecimento que este acumulou durante sua vida. Na sociedade iorubá a figura do integrante mais velho é primordial.

Este recebe toda à atenção por trazer uma carga de experiência de vida, o que pode ser observado no mito iorubá, na estruturação de seus deuses, oxalá está no topo desse panteão, não por ser o mais poderoso como se acostumou verificar na mitologia grega em que Zeus está no topo por ser o mais poderoso dos deuses.

No mito iorubá, Oxalá está no topo por este ser o mais velho, por ele ser o que traz consigo as experiências dos anos de vida. A tradição oral foi responsável pela manutenção da identidade do povo iorubá no Brasil durante os anos de escravidão e também nos dias atuais, de acordo com Cassard-Binon Apud Barros (2007):

A transmissão do saber passa dos mais velhos para os mais novos, quando os primeiros reconhecem nestes últimos a capacidade e os consideram socialmente identificados com as normas fundamentais do grupo, podendo, desta forma ser portadores e, por sua vez transmissores do saber. O conhecimento “vem com o tempo”, dizem os mais antigos, assim através de um processo lentamente adquirido, o saber do novo iniciado incrusta-se no mais profundo do seu ser (BARROS, 2007, p. 96).

A inserção dos mitos africanos e afro-brasileiros nas escolas por meio da abordagem cinematográfica é uma excelente ferramenta pedagógica a ser explorada pelos professores de forma multidisciplinar, pois o filme contempla na grande maioria das vezes aspectos que, as disciplinas da área de humanas podem ser trabalhadas o enredo de forma analítica.

Aqui se ressalta que mesmo oito anos depois de sancionada a lei 10639/03 a qual torna obrigatório o ensino da cultura do povo africano e afro-brasileiro, ainda é um desafio, pois foi possível observar no projeto PROPESQ (por motivos superiores não se completou a conclusão desta pesquisa) na qualidade de pesquisador, que ainda ha um longo caminho a percorrer mesmo diante de um decreto de lei: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira.” (Lei 10639/03. **Art. 26-A**).

A Lei: 10639/03. **Art. 26-A**, por se só não resolve, pois durante o período de desenvolvimento do PROPESQ que teve como tema: *A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA: DILEMAS E PERSPECTIVAS NA IMPLANTAÇÃO DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA ANTI-RACISTA* e período de desenvolvimento ativo de um ano. Foi possível observar as questões sobre as religiões afro-brasileiras e como esta era percebida por alunos e professores. A obrigatoriedade em si, não consegue solucionar, sem a devida capacitação dos professores para executar as propostas da lei. O período de desenvolvimento da pesquisa mostrou que projetos que englobem o ensino da cultura do povo negro precisam passar por imposta pela lei 10.639/03, apesar do caráter obrigatório, ainda não é uma realidade a todos os municípios brasileiros, visto que poucas redes de ensino público no Brasil efetivaram-na. Logo, colocá-la em prática também se constitui um desafio para os gestores públicos em especial os secretários de educação e os professores (as) universitários, que atuam nas licenciaturas; instâncias responsáveis pela formação docente.

Durante observações na escola constatou-se que os negros e suas culturas ainda estavam condicionados a temas sobre escravidão. E que parte da contribuição cultural deste está condicionada às comemorações ocorridas no mês de maio e no dia 20 de novembro, respectivamente comemoração da “abolição da escravatura” e dia da consciência negra. A escola na qual foi efetuada as observações, as

comemorações propostas por ela no tocante à cultura negra (e principalmente a comemoração do dia da consciência negra) entre as várias temáticas sobre a cultura do povo negro, a questão religiosa não foi contemplada, ficando de fora das comemorações.

Em meio ao corpo de alunos das escolas há aqueles que pertencem à religião de matriz africana, assim como seus pais, estes não são contemplados com tais discussões, permanecendo assim um silenciamento sobre a existência de outra cosmovisão mítica para o povo negro, o que acaba por contribuir no tocante ao preconceito religioso.

A escola precisa estar atenta para contemplar as subjetividades do seu corpo de aluno, pois em discussões com professores de algumas escolas que possuem convênio junto a Universidade Estadual da Paraíba onde estes participaram de um processo de formação continuada junto ao Neabí (Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena), que promove curso de capacitação sobre cultura africana e afro-brasileira, e de reuniões cujo foco dos debates foram os projetos do núcleo, entre eles o curso de formação sobre a cultura afro-brasileira, foi possível perceber por parte de alguns professores das escolas uma resistência a temática religiosa.

A questão do preconceito no que se refere às religiões de matriz africana em muitos casos ocorre por não haver uma base histórica ou mitológica por parte dos educadores para a sua compreensão:

Em princípio não se identifica e não se vê a realidade dos meninos (as) negros (as) com quem lidam cotidianamente, os elementos dessa cultura, uma vez que esta é tratada como algo morto, distante e indiferente aos estudantes, portanto, à escola. Por isso, precisa ser recuperada. Trata-se de uma cultura, exterior à escola, aos estudantes e aos professores, que precisa ser ensinada e aprendida. (CHAGAS, 2008, p. 162).

A inserção desses mitos por meio das disciplinas nas áreas de humanas, contextualizando a temática para que os alunos possam compreender que há outras cosmovisões de mundo e que os deuses do panteão Iorubá não são seres demoníacos, termo empregado pela religião cristã como afirma Prandi (2001):

Na época dos primeiros contatos de missionários cristãos com os Iorubás na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus com o diabo e ele carrega esse fardo até os dias de hoje (PRANDI, 2001, p. 21).

Este orixá na verdade é o mensageiro dos deuses, é ele o responsável pela comunicação, é o intermediário entre os seres humanos e o mundo astral, não cabendo a ele a responsabilidade de decidir sobre o certo ou o errado do que lhe é pedido pelos seres humanos, já que a estes foi dado o livre arbítrio. De acordo com Barbosa (2000):

Exu é o princípio e o fim, senhor dos encontros e dos desencontros, das encruzilhadas, das opções e da palavra, poder-se-ia dizer que ele atua tanto no sistema religioso como no campo da fala/escrita (PRANDI, 2001, p. 21).

Este deus é, portanto, um ser dinamizador da vida. Verificam-se deste modo, que é inegável a contribuição cultural dos povos africanos para com a sociedade brasileira deixando importantes influências para o que se chama hoje de cultura afro-brasileira.

Cabe então à escola, contribuir e reconhecer este legado sem omitir a questão religiosa, uma vez que ela se constitui num dos elementos mais expressivos da cultura afro-brasileira, daí sua importância no contexto da escola, permitindo que no aprendizado escolar, a população negra seja reconhecida em todos os seus valores, tanto os culturais como os religiosos.

É importância o acesso aos conteúdos que contemplem as histórias e culturas dos nossos antepassados, para que conhecendo esses conteúdos os alunos sejam capazes de perceber as influências da cultura africana e afro-brasileira a sua volta, e com isto a escola assumiria de vez a luta contra o preconceito racial e promovendo a educação anti-racista, formando cidadãos capazes de conviver e respeitar os culturalmente diferentes, sem hierarquizá-los (ARAÚJO, 2008, p.01).

A inserção dos mitos tendo o cinema como suporte no currículo escolar torna-se uma oportunidade para a escola fazer a educação anti-racista, o que significa desenvolver no educando a capacidade de respeito, valorização e convivência com as expressões e manifestações da cultura afro-brasileira no

cotidiano da sala de aula e na comunidade onde a escola se encontra inserida (MACEDO, 2007).

Neste trabalho nosso objetivo é problematizar sobre os mitos afro-brasileiros na perspectiva de uma educação das relações étnico-raciais no ensino de história por meio da abordagem do filme *Besouro*, e questionarmos como os mitos são representados, fazendo uma ponte entre os mitos apresentados pelo sociólogo Reginaldo Prandi no seu livro *Mitologia dos Orixás* (2001) e os deuses que fazem parte da trama do filme.

Apropriando-se do conceito de representações coletivas discutida pelo historiador Roger Chartier (1989), e o conceito de mito apresentado pelo antropólogo Everardo Rocha (1996), no tocante ao conceito de representação para pensar em como os grupos de africanos trazidos para o Brasil fizeram uso da cosmovisão de mundo iorubá para aqui manterem um laço de unidade, e como os mitos tem na vida destes, todo um significado representativo capaz de responder a seus anseios na nova terra, para CHARTIER (1990) a representação é um conceito para designar o modo pelo qual, diferentes grupos em um dado momento constroem uma determinada realidade e esta é percebida de diferentes formas por diferentes grupos sociais.

A construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma. (CHARTIER, 1990, p:73)

Ao que se refere trabalhar com análise cinematográfica recorreremos a Marcos Napolitano o qual tem seus trabalhos voltados para as possibilidades de se trabalhar com o cinema nas aulas de história de formar a despertar nos alunos o senso crítico no tocante as cenas apresentadas na película.

Nosso trabalho esta organizado em uma introdução e dois capítulos. O segundo capítulo intitulado *As representações dos mitos africanos e o ensino de história* nele discutimos sobre os mitos afro-brasileiros e ensino de história procurando mostrar tais perspectivas no contexto da educação básica. No terceiro cujo titulo é *Os mitos iorubás no filme Besouro: uma análise histórica* abordamos os mitos afro-brasileiros na perspectiva do filme *Besouro*.

2. AS REPRESENTAÇÕES DOS MITOS AFRICANOS E O ENSINO DE HISTÓRIA: LEITURAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Se a África é o berço da raça humana, pois o primeiro ser humano foi um africano, segundo a história da antropologia, também na África surgiu, com os homens e as mulheres, a sua primeira cultura e a sua primeira religião. Se a mais remota história do nascimento da primeira célula está no continente africano, no continente africano também foram desenvolvidas as mais diferentes culturas e as mais distintas manifestações religiosas. As religiões africanas, a exemplo das religiões de outros continentes, criaram símbolos, rituais, divindades, cantos de louvores para celebrações religiosas.

Os povos africanos que durante quatrocentos anos foram mercadoria nas mãos dos europeus em sua ganância por riquezas perderam o direito de construir em sua terra natal sua história. Há uma espécie de o bem versus o mal, quando o assunto órbita entre as manifestações religiosas do colonizador e as manifestações religiosas do colonizado. Chega-se a caluniar a fé de herança africana às suas práticas de caráter maligno diluídos em suas manifestações religiosas.

Um dos preconceitos mais comuns quanto aos africanos e aos afro-descendentes é com relação às suas práticas religiosas e a um suposto caráter maligno contido nelas. Esse tipo de afirmação não resiste ao confronto com nenhum dado mais consistente de pesquisa sobre as religiões africanas e a maioria das religiões afro-brasileiras. Nelas, todas as divindades são ambivalentes, não se simplificam na dicotomia bem x mal. (BRANDÃO, 2006, p. 29).

Cultura e religião estão associadas às criações mitológicas. Os mitos, presentes em todos os povos da Terra, estão férteis de informações e respostas às várias perguntas que se faziam os povos primitivos. Da mitologia nasceram os deuses, as bênçãos e os castigos, as graças e muitas outras tradições adotadas na religiosidade dos povos. Quem vive quem morre, quem se salva, quem não se salva, quem fica, quem vai, os por quês, os mistérios – para cada um destes itens o conhecimento mítico tinha sua explicação. A mitologia que antecede a filosofia e à ciência, foi à base de toda cultura e religiosidade.

Estudar a cultura e religiosidade africana no Ensino Fundamental possibilita a aquisição de conhecimentos mais amplos e transforma a realidade histórico-cultural de povos ou grupos. Estabelece, assim, uma discussão entre os conceitos do colonizador e do colonizado, da ignorância proposital que se arrasta por séculos construídos com fundamentos preconceituosos, racistas e discriminatórios. Esse preconceito, racismo e discriminação, quando presente em sala de aula nega a realidade do outro, a cultura do outro, a religião do outro. Há uma legislação brasileira recente, Lei 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática: história e cultura afro-brasileira. Com pesquisas, leituras, diálogos, entre outras atividades pedagógicas é possível buscar a formação do educando; enriquecer o seu aprendizado da história africana e brasileira no Ensino Fundamental; aprimorar a partir de novos conhecimentos adquiridos, entre eles, a respeito das religiões de matrizes africanas; descobrir linhas paralelas e/ou interligadas entre história das religiões africanas, culturas e heranças ou influências em outros povos ou grupos, e perceber, assim, a importância desta cultura milenar na formação moral e ética do ser humano.

O educando ao entrar em contato com mitos de origem africana e a busca do respeito e tolerância religiosa, por exemplo, percebe que nem todos os povos possuem uma só religião. As influências culturais e religiosas africana no Brasil fazem-se presentes em inúmeras manifestações de seu povo. Conhecer esta história e sua realidade auxilia aos educandos a mudarem suas resistências à cultura e religiosidade afro-descendentes, despertando o desejo em respeitar a diversidade religiosa e cultural. Este conhecimento pode ser acessado em sala de aula por meio de pesquisas na web, leituras, recursos audiovisuais e debates, entre outras práticas pedagógicas, auxiliando aos alunos a descobrirem outro mundo, outras perspectivas e compreensão de fenômenos religiosos e sociais.

Oportunizar no Ensino Fundamental, a reflexão sobre a forma que foi construída a história das religiões no Brasil, ou seja, uma leitura que apresenta um povo colonizado por europeus com forte influência cristã; assim como uma visão das manifestações religiosas e culturais do povo africano, que chegaram ao Brasil por meio da força do colonizador e de seus conceitos religiosos e culturais; mesma força

a negar a religião e cultura dos escravizados contribui para desenvolver um olhar diferenciado sobre os fatos.

O educando, assim, poderá conhecer e debater mais um traço fundamental que integra e constitui um Brasil multicultural, pluri-étnico e pluri-religioso. Inserir um novo olhar sobre o negro no Brasil, repensar as relações entre as pessoas com respeito às diferenças inerentes a cada um é uma das funções da educação.

2.1 A discussão em torno de representação e mitos afro.

Neste capítulo abordaremos a forma como os mitos iorubas podem ser pensados no campo da representação proposto por CHARTIER (1989) e como o mito iorubá ficou de fora nas aulas sobre o continente africano.

Quando se pensa sobre mitos africanos e o ensino de história, o que nos vêm à cabeça é o Egito, pois este é um país africano, por sinal o mais contemplado nos livros e em muitos casos passa despercebido como parte do continente africano, já que no cinema os egípcios têm características européias, como pode ser observada no filme Cleópatra, produzido no ano de 1963 que tem como protagonista a atriz inglesa Elizabeth Taylor, uma atriz européia interpretando uma rainha africana o que acaba contribuindo para a construção de uma idéia de que o Egito não é na África e que sua população é branca.

A representação de uma rainha africana como sendo branca torna-se um instrumento de poder, por apresentar ao espectador uma civilização que teve destaque por suas realizações artísticas, tanto na arquitetura como nas artes. Portanto, sem os devidos questionamentos, o filme pode tornar-se para o espectador o conceito de Egito.

[...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem “capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é. Dessas imagens, algumas são totalmente materiais, substituindo ao corpo ausente um objeto que lhe seja semelhante ou não: tais os manequins de cera, de madeira ou couro que eram postos sobre a uma sepulcral monárquica durante os funerais dos soberanos franceses e ingleses (CHARTIER, 1989, p.14)

O território africano ficou condicionado ao seu branqueamento construído pelo cinema, pois pensar sobre mitos nas aulas de história nos remete a beleza de Cleópatra representada na película, torna-se notório devido suas características físicas, como por exemplo, sua pele branca e seu cabelo liso. Estes são acontecimentos em que o professor precisa estar atento para junto com os alunos discutir para que estes não tenham uma idéia imediatista de que, o ser, o objeto apresentado seja uma representação fiel do ser representado:

A representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de ou de alguém... A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de reconstruí-lo em memória e de figurá-lo como ele é. (CHARTIER, 1990, p. 20).

É necessário muito cuidado ao tratar de mitos africanos e afro-brasileiros tendo o cinema como ferramenta para este fim, já que a idéia romanceada do cinema não tem qualquer compromisso com os fatos históricos, tais representações como o caso da imagem de Cleópatra construída pelo cinema, não podem passar despercebidas pelos olhos do educador.

Sobre os mitos do continente africano Osíris, Isis, Anúbis, ainda são os mais conhecidos e abordados sem nenhuma resistência. Porém os mitos dos povos negros que foram trazidos para o Brasil é ainda tratado como um afluente da história deste país.

O branco é tido ainda como protagonista e a contribuição deste para com a sociedade é mais significativa e mais importante do que qualquer outro povo que constituiu este país. No tocante ao povo negro, sua história ainda começa com a escravidão, negando, desprezando, todo um passado de realzas e estrutura social muito bem definida em África.

Volta-se aqui a falar sobre o processo de formação continuada dos professores que estão em sala de aula, e que nem sempre recebem este apoio por parte dos governos, sendo os cursos de formação um instrumento necessário para lidar com as diversidades e as manifestações de preconceito, ocorridas no cotidiano escolar:

Os/as docentes foram formados/as para entender o legado africano como saberes do mal, saberes de culturas atrasadas e pré-lógicas, repercutindo nos currículos escolares com uma carga preconceituosa que gera as discriminações (SANTANA, 2006, p. 39).

Sem o devido preparo para lidar com essas diversidades o educador acaba por reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que atravessam a sociedade. Trabalhar com mitos dos orixás, mitos afro-brasileiros em aulas de História, é uma questão viável, que nos leva a questionar preconceitos e as representações estereotipadas dos orixás, para promover uma valorização e a auto-estima da cultura negra.

As instituições de ensino ainda são carentes de Projetos interdisciplinares que discutam a questão racial brasileira, o resgate da memória ancestral é um processo importante para compreensão da identidade do povo brasileiro, a partir das apresentações do mito fazendo uso do cinema o educador poderá expor e questionar os estereótipos e preconceitos atribuídos ao povo negro. Haja vista que os deuses orixás estão presentes no imaginário brasileiro, disseminados, espalhados na música, no cinema, na telenovela, na pintura, nos ritos religiosos, em nossa literatura.

O que nos falta é expor e problematizá-lo para que os alunos compreendam que há territórios no continente africano para além das linhas divisórias do Egito, e que os povos destes territórios, como é o caso dos povos que compreendiam o território lorubá: Benin, Nigéria, foram responsáveis na construção da identidade do brasileiro. É preciso que o aluno compreenda que não somos fruto somente de uma mistura de “raças”, mas de uma miscelânea cultural, que o brasileiro é culturalmente híbrido.

Acredita-se que por meio do cinema pode-se delimitar e analisar a forma pela qual o a mitologia dos orixás é percebida e como esta se desenvolve na sociedade brasileira, sendo que o cinema consiste em uma produção áudio/visual e estes são instrumentos da linguagem que para CHARTIER, é uma forma privilegiada de Representação.

Para realizar tal trabalho utilizou-se o pressuposto teórico de CHARTIER (2002) sobre o conceito de representação coletiva. A questão referente aos mitos aqui proposto tem seu embasamento no conceito de representação coletiva por se

acreditar que este conceito é fundamental para o desenvolvimento da temática, pois autoriza a articular melhor três modalidades de relacionamento com o mundo social:

Primeiro, o trabalho de classificação e recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõe uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais 'representantes' (instancias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1990,p. 73).

Para Chartier (1990), a representação é, portanto, um instrumento de conhecimento mediático no qual faz ver um objeto ausente, através de sua substituição por uma "imagem" capaz de reconstituir em memória e de figurá-lo tal como ele é como é o caso da representação apresentada pelo cinema sobre os orixás.

Assim a noção de representação nos permite ver algo ausente, o que supõe uma distinção entre o que representa e aquilo que é representado, a título de exemplo: o deus exu representado pelo cinema e a representação deste para o povo lorubá. Por outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de algo ou de alguém.

No primeiro sentido, a representação é instrumento de conhecimento imediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma imagem, capaz de trazê-lo à memória e de figurá-lo tal como ele é ou supõe ser. A relação de representação é entendida deste modo como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, sendo que um vale pelo outro.

Chartier (1990) vê as relações sociais entre práticas e representações como um modo de ver as pessoas e como a sociedade em uma determinada época lhes dão significado de acordo com o que elas representam naquele momento. Chartier volta o olhar para aspectos cotidianos das massas que não eram observadas até então. Estuda os diferentes tipos de relação com a leitura feita por essas pessoas, fazendo uso da oralidade como fonte de análise.

As representações sociais podem ser individuais ou coletivas (neste trabalho representações coletivas), mas de certa forma estas duas acabam gerando discursos que produzem efeito prático na sociedade. A análise das representações

exige do historiador cautela e um grau de generalização ameno. Tomam-se como exemplo, uma pintura ou um filme, ela expressa algo que foi selecionado por uma pessoa, seja o pintor ou cineasta, porém isso não quer dizer que ela represente todo aquele grupo, ou que o pensamento expressado pelo profissional seja a opinião da população como em um todo.

Nossa compreensão sobre o trabalho de Chartier (1990) no que diz respeito às representações. É em como as pessoas se apropriam delas, e constroem novas percepções. Tomemos como exemplo a imagem de que se fez do negro e dos deuses trazidos pelos seus ancestrais para o Brasil, além da história desumana da escravidão, este ainda tem sua imagem ainda vinculada a alguém abaixo dos padrões “sociais” e que executa serviços, que exige muito esforço físico, ou ainda de alguém que não possui boa índole e os deuses de sua cultura ainda são comparados a demônios da cultura cristã católica/protestante.

Abrem-se aqui dois questionamentos sobre esta temática: uma que se baseia no poder, nas construções das representações sobre o mito, impostas por quem tem o poder de impor e nomear (a igreja cristã), e outra que confere crédito a própria comunidade, como ela se enxerga e como cada grupo dar-se a representação, fazendo reconhecer sua existência a partir de um sentimento de unidade, pensando as representações do ausente, mostrando algo a que não está, as representações de identidade também se enquadra nesta, quando se falam das tradições como festas, e outras simbologias ligadas a esses grupos.

Tudo na sociedade pode ser entendido como representação e prática; é esta a ideia que a obra de Chartier (1990) tende a passar quando lida. Esse estudo das relações que são estabelecidas entre o que representa e as práticas que surgem a partir desta, permitiu que, como historiadores voltam-se o olhar para questões cotidianas e subjetivas, fugindo ou confrontando com os documentos, fazendo da história uma ciência mais condensada e mais complexa, pois exige do historiador saber medir a seriedade dos documentos oficiais e dar relevância necessária para as representações e práticas.

2.2A discussão do cinema e mitos afros

Ao pensarmos sobre mito nesse trabalho e propormos o cinema como fonte de pesquisa, é possível assegurar que o cinema brasileiro produziu, vários filmes em que os mitos afro-brasileiros são abordados, na maioria das vezes os seres que nos são apresentados nestes filmes são fruto do hibridismo cultural dos povos negros, indígenas e europeus.

Como já citado, estas figuras não serão apresentadas neste trabalho por entendermos que existe uma complexidade no tocante ao surgimento das figuras afro-brasileiras, decidimos trabalhar com os orixás da nação iorubá, pois estes são a base para a compreendermos a organização social do povo negro que foi escravizado no Brasil, e a partir destes deuses, o leitor poderá ampliar seu horizonte sobre os deuses orixás, pois são base para a compreensão da cosmologia iorubá.

Um importante fator a ser evidenciado é que os seres Pomba-gira, Preto-Velho, Boiadeiro etc. Frutos do encontro dessas três raças, não são tratados como deuses nos locais em que estes são cultuados, e sim tidos como: entidades, guias e espíritos. Mas neste capítulo abordaremos o cinema brasileiro e os mitos.

A maioria das produções cinematográfica brasileira que abordam o tema traz em seu enredo figuras sincréticas afro-brasileiras, como pomba-gira, Zé pelintra etc. para tal trabalho recorreu-se a três filmes sendo um o filme *besouro* aqui escolhido para nossa discussão, os outros dois foram, *Tenda dos Milagres*, baseado na obra do escritor baiano Jorge Amado e, *O Xangô de Baker Street* baseado na obra de Jô Soares.

Vários fatores interferem na maneira como temas semelhantes são abordados em filmes diferentes, tais como: a época que produziu o filme, os valores ideológicos e políticos do roteirista e do diretor, os interesses comerciais que cercam o filme, o gênero narrativo escolhido pelos realizadores, entre outros (RAMOS, 2002 apud NAPOLITANO, 2009, pag.13)

Tenda dos Milagres é um romance do escritor baiano Jorge Amado, publicado em 1969. Esta obra serviu de base para adaptações, no cinema e na televisão, no caso do cinema sob a direção do cineasta Nelson Pereira dos Santos o romance ganhou vida no ano de 1977.

A ação se passa na Tenda dos Milagres, então gráfica de Lídio Corró no Pelourinho, na cidade de São Salvador estado da Bahia, terra povoada por afro-descendentes, que constituem a maioria da população local e apesar de sofrer com o preconceito racial, mostra-se aguerrida na conquista do seu espaço na sociedade.

A Tenda dos Milagres também servia para encontros entre pessoas ligadas ao candomblé e à capoeira de Angola. O candomblé constitui-se em pano de fundo, e Pedro Archanjo é o herói mestiço dessa história. Mulato com algum estudo é protegido pelo professor da Faculdade de Medicina, Silva Virajá.

O Xangô de Baker Street teve lançamento em 1999, o filme se passa no ano de 1886 no Rio de Janeiro uma diva francesa Sarah Bernhardt (Maria de Medeiros) que se apresenta pela primeira vez no Brasil, deixa a elite do país então interessada na cultura francesa.

O público se encanta com o talento de Sarah, dentre eles o imperador D. Pedro II (Cláudio Marzo), o qual lhe conta um segredo: um valioso violino Stradivarius, um presente seu à baronesa Maria Luíza (Cláudia Abreu), desaparecera misteriosamente. A diva sugere ao imperador que requisite os serviços do detetive inglês Sherlock Holmes (Joaquim de Almeida) para investigar o caso, D. Pedro II prontamente aceita a sugestão.

Paralelamente aos acontecimentos do encontro do imperador e a diva francesa, um assassinato a cidade e deixa em pânico o delegado Mello Pimenta (Marco Nanini). Uma prostituta fora encontrada morta, a mesma teve suas orelhas decepadas e foi encontrado sob seu uma corda de violino deixada pelo assassino.

Enquanto o delegado se debruça nas pistas para capturar o perigoso assassino, que passa a cometer crimes seguidamente, Sherlock Holmes e seu parceiro Watson (Anthony O'Donnell) desembarcam no Rio de Janeiro sem esperar os perigos que os esperam: elencados na sinopse do filme como sendo: feijoadas, vatapás, pais de santo e o poder de sedução das mulatas locais (Sinopse).

Como a proposta do nosso trabalho são os mitos iorubás, e ao nos depararmos com os dois filmes acima não detectamos respectivamente em Tenda dos milagres a relação deste com o mito iorubá, o filme trata mais da ritualidade sincrética das religiões afro-brasileiras, não havendo então uma relação com os orixás puramente iorubanos, os povos iorubás tem um panteão de mitos segundo ADOLFO (2000) bem estruturado:

Quanto aos mitos, é lugar comum dizermos que os bantos brasileiros não possuem um corpus organizado como os iorubás. Essa ausência levou nossos pesquisadores a imputarem aos bantos ausência de mitos ou declararem que os mesmos possuíam uma mitologia paupérrima, tendo por isso de utilizar os mito nagôs. Esse corpus mitológico encontra-se no interior das cantigas, dijinás e ingorossis, pois se o sistema divinatório nagô conservou um corpus mitológico aparentemente coerente, o sistema divinatório banto é de outra natureza e a própria ideia de divindade dos bantos esta ligada, sobretudo à ancestralidade, resultando dessa forma em mitos de fundação com heróis bem delineados. Uma das divindades do panteão banto, iaiá Matamba, erroneamente nomeada de Oyá Matamba por assimilação com o orixá nagô³ Iansã também nomeada de Oyá, é ninguém menos que a lendária Rainha Nzinga, poderosa guerreira, rainha dos Jagas, que castigou duramente os portugueses no século XVI. Matamba é a região do planalto angolano onde viveu essa rainha poderosa, que hoje se apresenta nos candomblés bantos exibindo a sua força guerreira, o seu poder de ventania e tempestade. (ADOLFO, 2000, p. 2)

Portanto este filme não se encaixa em nossa proposta por não contemplar o mito enquanto ferramenta pedagógica, em que os deuses são apresentados tal qual podemos constatar em 301 contos (contidos no livro Mitologia dos Orixás 2007) sobre os deuses orixás organizado pelo sociólogo Reginaldo Prandi.

O segundo filme O Xangô de Baker Street é um filme em que o título nos chama atenção, mas os deuses são restritos a pequenas passagens, o próprio título é motivado pelo fato de Holmes ao consultar um “pai de santo” descobre que na cultura afro-brasileira este é filho de Xangô, sendo Holmes morador da Rua Baker Street então se dá o título do filme. Em nenhum momento do filme os deuses orixás são contemplados, e sim as figuras sincréticas como é o caso da pomba gira que “incorpora” no doutor Watson para falar ao detetive sobre o assassino. Como esses seres não fazem parte desta proposta de trabalho optamos como filme para este debate o filme Besouro, no qual encontramos elementos sobre os deuses orixás, e tradição oral sobre o conhecimento dos deuses perpetuados pelo personagem do mestre Alípio.

³ Como eram chamados ou conhecidos os povos iorubas que vieram para o Brasil.

Afirmar que Tenda dos Milagres e O Xangô de Baker Street, não possam ser abordados pelo professor e alunos para uma reelaboração de conhecimentos no tocante ao sincretismo que se deu no Brasil, não infere a possibilidade de aplicá-los como forma de transmissão de conhecimento sobre a memória mítica afro-brasileira, podendo contribuir para uma maior desarticulação da intolerância e do preconceito. No entanto, a proposta do presente trabalho é a produção do saber sobre os mitos dos orixás na vertente iorubá e suas características, para então se dar a produção de novos saberes, sobre a complexa cosmovisão aficana e afro-brasileira.

3. OS MITOS IORUBAS NO FILME BESOURO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA

As diferentes formas de representação do universo mítico afro-brasileiro continuam desempenhando um papel fundamental na reflexão sobre as práticas e significações e para a compreensão de como esses discursos repercutem no entendimento sobre as culturas negras.

O nosso objetivo é analisar algumas seqüências do filme *Besouro* (2009) na qual veremos a figura destacada de cinco deuses orixás, dirigido por João Daniel Tikhomiroff. O Filme *Besouro* tem como recorte de lugar e tempo o Recôncavo baiano no ano de 1924, onde havia cerca de 40 anos que a escravidão tinha sido abolida no Brasil, porém os negros continuavam a serem tratados como escravos.

Percebemos como sendo uma das características marcantes de *Besouro* a manifestação das forças da natureza (orixás), pois ao longo da trajetória do protagonista, estas se materializam. Durante o processo de autoconhecimento que o transformará num herói de poderes mágicos e corpo fechado, no decorrer desta trajetória *Besouro* encontrara no seu caminho cinco Orixás. No filme a caracterização deles é um dos pontos altos do filme que demonstra o cuidado dado à vestimenta e a postura dos deuses orixás, essa caracterização é fruto do trabalho de uma equipe chefiada pelo maquiador Martin Macias Trujillo e da figurinista Bia Salgado. O filme teve como consultor o coreógrafo baiano Zebrinha, estudioso da mitologia afro. Apresentamos aqui alguns desses deuses que o professor conheceu ao assistir o filme.

No filme o primeiro orixá apresentado é Exu, sua primeira cena primeira cena é assustadora. Para espectadores que não conhecem a mitologia dos orixás, para alguns essa cena poderá ser entendida como a entrada de um grande vilão. Mas no decorrer do filme o espectador entendera que não se trata disso. Pois ficara claro que o orixá Exu é a primeira - e possivelmente a mais importante - de uma série de forças sobrenaturais que ajudarão *Besouro* a transformar-se num herói.

[...]. Cultura veiculada pela mídia possibilita uma identificação com as pessoas, pois as imagens em movimento e os sons ajudam a forjar o tecido da vida cotidiana. Este universo midiático domina o tempo de lazer, modela opiniões políticas e comportamentos sociais. (Kellner, (2001). Apud. FELIPE-TERUYA)

Exu é interpretado pelo ator baiano Sérgio Laurentino. A caracterização de exu é uma das mais impactantes do filme como se pode observar nas imagens coletadas por nós do filme: (imagem ao lado extraída do filme):



Sobre exu destacamos a seguinte análise: Na mitologia iorubá, Exu é o mensageiro, o princípio dinâmico de comunicação, ele é o mensageiro dos orixás, é a via de contato entre homens e deuses. Na mitologia iorubá exu é representado pelas cores vermelho e preto, e traz sempre na sua mão um tipo de cetro fálico que representa a virilidade e a sexualidade dos homens, sem Exu segundo o mito iorubano não haveria a reprodução humana.

As características citadas à cima sobre o deus mensageiro é de fato bem representada no filme, porém o que nos levanta questionamentos são dois pontos sobre esse orixá: 1) exu é apresentado ao público com olhos vermelhos, 2) a voz do mensageiro passa por dois momentos, uma quando ele se faz passar por um comprador de peixe a fim de castigar o vendedor por este não ter reverenciado seu ebó (um tipo de alimento oferecido ao deus em agradecimento a este pelos seus serviços) no momento em que se apresenta como um simples cliente a voz de exu é como outra voz qualquer humana, mas ao se apresentar a Besouro a voz deste sofre uma mudança brusca, ela ganha um ar de sobrenaturalidade, que na verdade nos faz lembrar mais dos demônios de filmes de terror do que a voz dos deuses interpretados em filmes que tem como tema mitos sejam eles, gregos, romanos e nórdicos. Esses dois pontos nos chamam atenção pelo fato de em nenhum momento em nossas pesquisas não nos depararmos com qualquer lenda em que relate algo sobre Exu possuir olhos vermelhos ou uma voz “sobrenatural”. NAPOLITANO (2009) diz que:

O problema é que, quando se assiste a um filme, percebe-se o resultado final deste processo e destes recursos técnicos e estéticos de forma muitas vezes naturalizada, pois a atenção maior se fixa sobre a história contada, nos diálogos e nos efeitos emocionais causados pela trama. A análise fílmica começa quando conciliamos o olhar que capta o resultado final de um filme e a reflexão sobre as escolhas, recursos e processos que estão por trás destes resultados. (NAPOLITANO, 2009, p.18)

O filme não pode ser apresentado aos alunos como algo meramente ilustrativo, o professor precisa de um conhecimento prévio sobre o tema, ele precisa se antecipar e assistir ao filme antes de apresentá-lo aos alunos, o não cumprimento dessa regra básica acaba tornando o filme como um tampa buraco da disciplina de história, se o filme se tornar uma mera ilustração de um tema, o professor estará reforçando o preconceito, no caso deste trabalho.

Exibir um filme para sala de aula não é uma atividade isolada. Na disciplina histórica, estes devem ser tratados não como lúdicos, mas como fonte primária e real do processo ensino/aprendizagem onde o professor deve *partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou o desmentido de outro saber que é o da tradição escrita* (FERRO: 1989; p. 86). Fomentar o interesse e uma postura crítica nos alunos são premissas para o professor de História. Tanto faz o gênero. Da comédia ao drama, sempre haverá uma análise a ser feita, e por traz desta, um objetivo a ser alcançado pelo professor, que deve ter (...) *sempre em mente um conjunto de objetivos e metas a serem atingidas, procurando aprimorar os instrumentos de análise histórica e filmática* (NAPOLITANO, 2003, p. 79, Apud FERRAZ, 2006).

Nesse contexto do filme temos a presença da orixá Iansã tida como a deusa guerreira, deusa dos ventos, relâmpagos e tempestades, no filme ela é vivida pela atriz Jessica Barbosa, que também interpreta o par romântico de Besouro Dinorá, segundo o mito iorubá Iansã é a companheira de Xangô ela é quem o acompanha na guerra, aqui nos questionamos se os produtores do filme se atentaram a esse fato, já que ao colocarem Dinorá representando a figura de Iansã guerreira na vida de Besouro, o mais correto no tocante aos mitos seria abordar Besouro enquanto filho de Xangô deus da justiça e da guerra.

Como filho de Ogum Besouro traz no peito um pingente em metal que é a representação simbólica desse orixá, este pingente simboliza a proteção que o orixá oferece ao seu filho, com ajuda de outro orixá Ossain, orixá que é detentor dos segredos curativos das ervas, a proteção de Besouro se completa com o sumo de ervas depositado dentro do pingente de Ogum que Besouro carrega.

Oxum é a orixá que acalma Besouro e seus temores por este sentir-se culpado pela morte de seu Mestre, Oxum no mito iorubá é a deusa que representa o amor, a doçura, é a orixá das águas doces. O seu nome deriva do rio Osun, que corre na região nigeriana de Ijexá e Ijebu. No filme Oxum é apresentada a Besouro no momento em que este reflete sobre os acontecimentos que o levaram a refugiar-

se na floresta, e sua mente é invadida pelos ensinamentos que seu mestre o oferecia sobre os deuses orixás.

3.1 A temática afro-brasileira na escola e sua importância na discussão dos mitos afro.

Neste capítulo trataremos sobre como o educador poderá apresentar o mito de forma que os alunos os compreendam e como essas histórias mitológicas podem ser fonte de aprendizado e como abordar este tema durante as aulas das disciplinas principalmente de humanidade é importante.

Afirmamos que se os professores receberem os devidos incentivos para participarem de cursos tal quais os oferecidos pelo NEABÍ (UEPB), o educador trará ferramentas em que este abordará este tema com mais propriedade.

Os mitos trazem uma carga múltipla de ações em que se torna uma imagem ou espelho para as ações de um determinado povo, legitimando assim sua organização social no tocante a sua vivência, espiritualidade, representação social, cultura e cosmogonia (ELIADE, 1992).

Portanto os mitos são importantes por estes serem responsáveis pela transmissão do conhecimento, para uma interpretação do passado e do presente do povo negro, no tocante a cosmovisão, como estes lidam com questões sobre vida, morte:

(Nos mitos negros) o universo é pensado como um todo integrado; a concepção de tempo privilegia o tempo passado, o tempo dos ancestrais, e sustenta toda a noção histórica da cosmovisão africana; já a noção de pessoa é vista de modo muito singular, cada qual possuindo seu destino e procurando aumentar a sua Força Vital, o seu axé; a Força Vital que é a energia mais importante desses povos, insufla vitalidade ao universo africano. A palavra, por sua vez, é tida como um atributo do preexistente, e por isso mesmo, promotora de realizações e transformações no mundo, veículo primordial do conhecimento. A morte, por seu turno, não significa o fim da vida, mas parte do processo cíclico da existência que tem como referência maior os ancestrais. A morte é restituição à fonte primordial da vida, a lama que está situada no orun. A família é a base da organização social. Os processos de socialização forjam coletivamente o indivíduo, fundamentando o objetivo a ser atingido socialmente: o bem-estar da comunidade. Por fim, o poder, que é vivido coletivamente, tem o objetivo de promover a comunidade e garantir a ética africana (OLIVEIRA, 2003, p. 220).

Contudo abordar a cultura negra é ainda um tabu, e si tratado de mitos africanos e de orixás, a abordagem torna-se ainda mais complexa, mesmo estes se fazerem presentes nas expressões culturais do povo brasileiro, carnaval, festa da lavagem do senhor do bom fim, reisados, na culinária, na musica, no cinema.

No caso dos historiadores é nossa obrigação contribuirmos neste processo não permitindo o silenciamento sobre a temática dos mitos, e a forma como estes foram transmitidos oralmente de uma geração para outra geração, analisando como esses grupos se vêem e retratam o mundo, materializando o desconhecido, encontrado sentido para o comportamento humano, e oferecendo elementos para a compreensão da dinâmica existencial destes.

Do ponto de vista mitológico, o trabalho com esses mitos se mostra eficaz, por este transmitir toda uma gama de padrões comportamentais para os praticantes da religião dos orixás, e para os não praticantes, este tem a função social de aproximar os indivíduos de culturas diferentes, já que a proposta sobre mito é abordá-lo por meio do cinema, e nos atentarmos para a forma como este é tratado pelos meios de comunicação, podendo ser também fonte de saber para os fiéis e “assim ser usados com modelo a ser seguido, ou como validação social para um modo de conduta já presente” (PRANDI, 1996, p.27).

Deixamos claro que a proposta deste trabalho não é de “evangelizar” os educandos. E sim, de nos apropriar do rico repertório de saberes que os mitos iorubás nos apresentam de forma “dinâmica coletiva” com seus discursos e referenciais de mundo. Assim o contanto com este universo complexo e dinâmico, nos tornará mais próximos dos nossos ancestrais, Iorubás (Nigéria), os quais, “espalharam” e ressignificaram sua cultura pelas Américas, legando o Candomblé no Brasil, em Cuba, a Santeria, Vodun no Haiti, e Obeah na Jamaica.

O trabalho com os mitos dos orixás nos permite conhecer melhor, nos levando a questionar nossas incoerências e preconceitos, expondo nossas raízes cosmológicas também construtoras de uma identidade brasileira.

3.2 Análises do filmes Besouro.

O cinema produz mensagens fílmicas individuais e múltiplas; mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade. Refletir sobre a aplicação dessa linguagem midiática em sala de aula e especificamente na disciplina História, levantando questões acerca da prática docente no que tange a projeção, e as lacunas analíticas que se formam ao longo dessa atividade por ser tratada de forma isolada e fragmentada.

Mesmo que o filme seja ficcional e não tenha compromisso algum com a “realidade objetiva”, naquelas horas em que ele é projetado, as emoções e sensações que a experiência do cinema suscita nos espectadores criam um “efeito de realidade” muito forte. (NAPOLITANO, 2009, p.12)

Besouro é considerado nas rodas de capoeira um dos maiores capoeirista de todos os tempos. Ainda criança, se identificava com o inseto mangangá como é conhecido na Bahia o qual segundo relatado no próprio filme desafia as leis da física, e Manuel desafia as leis cruéis do preconceito e da opressão. Suas aventuras lhe renderam status de mito, um super- herói. O filme que conta a sua história é um épico em que fantasia e registro histórico se misturam no cenário deslumbrante do Recôncavo Baiano dos anos 20. Besouro é um filme de aventura, paixão, misticismo e coragem.

Manuel, órfão desde bebê, Besouro é apresentado ainda menino aos segredos da capoeira. Quem o conduz é Mestre Alípio, uma grande mestre capoeirista que, mais do que os movimentos da capoeira, tenta ensinar ao menino exibido e vaidoso as virtudes da concentração, da justiça, e a verdadeira razão dele ter sido abençoado com talentos extraordinários: defender o povo negro, que vive ainda sob o domínio de uma cultura escravocrata.

Alípio é a figura que representa a resistência a opressão e aquele que por meio da oralidade perpetua as tradições do povo negro para as novas gerações, ele é portanto não só para Besouro mas para os negros da região do recôncavo o ser com espírito de liderança e aquele que traz consigo as tradição e o conhecimento sobre o deuses, que são responsáveis pela proteção do povo negro. Nos

apropriando da idéia de representação de Chartier (1989) podemos dizer que a representação pode ser entendida nesse caso como sendo uma força reguladora da vida coletiva e um exercício de poder.

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. (CHARTIER, 1989. P. 13-14)

Mas Besouro só irá assumir sua missão, de verdade, depois do assassinato de Mestre Alípio a mando do grande opressor da região, o Coronel Venâncio. Besouro sente-se responsável pela morte do mestre e amigo. Para aplacar a dor e entender o que aconteceu, ele se recolhe à mata. É nesse recolhimento, lembrando os ensinamentos de seu mestre, e aprendendo com os segredos da própria natureza, que ele de fato se torna Besouro. Com a bênção dos Orixás, de “corpo fechado” pelo cordão de ouro enfeitado que leva no pescoço, ele parte para enfrentar Coronel Venâncio, que é o senhor das terras e do poder no Recôncavo.

Há poucos registros oficiais sobre sua trajetória, mas é de se supor que a postura pouco subserviente do capoeirista tenha sido interpretada pelas autoridades da época com o uma verdadeira subversão. Não por acaso, constam nas histórias sobre ele episódios de brigas grandiosas com a polícia, nas quais ele sempre se saía melhor, mesmo quando enfrentava as balas de peito aberto. Relatos de fugas espetaculares, muitas vezes inexplicáveis, deram origem a seu principal apelido: Mangangá é uma denominação regional para um tipo de besouro que produz uma dolorosa ferroadada. O capoeirista era, portanto, “aquele que batia e depois sumia”. E sumia como? “Voando, diziam as pessoas” (TIKHOMIROFF, 2009. P. 4).

O filme baseia-se no livro de Marco Carvalho, (Feijoada no Paraíso) o no qual a trama se passa na cidade de Santo Amaro, onde segundo o autor em dias de feira rolavam as brigas e confusões que o personagem principal Manuel Henrique (Besouro) se metia, tanto o livro quanto o filme não se desenrola de forma cronológica ele é construído em variadas partes e momentos diferentes, o autor criou a trama de forma que o próprio personagem conta a sua própria história. Já o filme

não se prende ao livro tão pouco aos personagens reais que fizeram parte da vida de Besouro. Portanto Besouro não se trata de um filme biográfico, ele é no conceito cinematográfico um filme de ficção, baseada nas lendas sobre um homem extraordinário.

Todo filme, ficção ou documentário, é resultado de um conjunto de seleções, escolhas, recortes, perspectivas, que envolve um leque de profissionais e de interesses comerciais, ideológicos e estéticos. Isso implica afirmar que todo filme documental não é a representação direta da realidade, e que todo filme ficcional não está desligado da sociedade que o produziu. O trabalho escolar com o cinema deve ter em vista esta natureza da representação e da encenação cinematográficas. (NAPOLITANO, 2009, p.12)

O filme valoriza o misticismo em torno da figura de Besouro, e a relação deste com a natureza, ou seja, com os Orixás, já que na cosmovisão dos iorubas os orixás regem as forças da natureza. Sobre besouro havia a lenda de que este tinha o "corpo fechado". E segundo a mitologia iorubana só quem pode ter o corpo fechado são os filhos de Ogum, o orixá da guerra. Dessa forma Ogum e outros orixás são apresentados no filme como sendo aqueles que fazem o Besouro entender seu papel de líder da luta de seu povo contra a opressão dos coronéis e o preparam para o embate. CHARTIER (1989) nos diz que "Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos". Na mitologia iorubá os deuses são responsáveis pelos acontecimentos da vida humana, são eles que abrem os caminhos, que apontam a direção do ser no mundo.

Para nós o filme Besouro (2009) é um recurso viável para as aulas de história, por este contemplar os pontos propostos por nós, no que tange ao mito dos orixás e seu potencial educativo, os deuses que compõem a trama estão postos de forma que o professor pode se apropriar das representações destes e problematizá-los com os alunos. Reforçamos aqui que nossa proposta na é centrada nos rituais religiosos de candomblé, umbanda etc., mas somente na perspectiva do filme e os mitos apresentado por este enquanto recurso didático, em que o mito por si fala sobre ele e o povo que o cultua (EVERARDO 1996). No ensino fundamental os alunos iram se deparar com mitos no qual entendemos com sendo a base das religiões afro-brasileiras, porém a proposta é que o aluno obtenha contanto com o

mito puramente iorubano por entendermos que este como citado anteriormente tem uma organização segundo ADOLFO (1981) mais coerente por se tratar de ter nos orixás um caráter puramente divino, e não o caráter em que os ancestrais tornam-se deuses após um grande feito. No âmbito acadêmico o trabalho sobre o mito dos orixás pode torna-se um facilitador para a compreensão do complexo mundo mítico que se criou no Brasil, já que os orixás são a base das religiões afro-brasileiras, o entendimento destes servirá de base para discussões em torno do hibridismo que se deu no decorrer do contato dos povos negros, com os americanos e europeus.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho acreditamos na necessidade de uma educação em que esta contemple as identidades culturais do povo negro a qual foi durante muitos anos forçosamente dominados culturalmente. Entendemos que o mito sobre os orixás perpetuaram por meio da tradição oral e que tem sido por interesse de classes dominantes esquecida. O cinema é uma ferramenta indispensável neste processo, por ser ele um mecanismo de entretenimento que nos possibilita no caso do nosso trabalho, observar o tratamento que os filmes brasileiros dão aos deuses orixás, e como estes estão sendo retratados. No caso do filme Besouro, entendemos que os deuses representados nele, estão mais próximos da vertente iorubá, e que por isso servirá de base de análise para os professores, pois a presença do mito no contexto da sala de aula é de grande relevância por este transmitir uma gama de valores dos povos negros que povoaram o Brasil, para os alunos torna-se importante a apresentação dessa abordagem para que estes entendam que a mitologia iorubá foi e é imprescindível para desenvolver convivências dentro de uma oralidade africana de resistência.

Trabalhar com a temática os mitos sobre os orixás nas aulas de história da África dentro da universidade torna-se relevante por este possibilitar outro olhar sobre a cosmovisão dos iorubas e de como as comunidades de terreiro se organizaram em torno dos ensinamentos que lhes foram transmitidos por meio dos mitos. É na universidade que acreditamos que o aluno poderá aprofundar-se nas questões referentes ao tema e expandir em pesquisa que contemplem o complexo mundo sincrético que deu origem a outras figuras no Brasil, como, Pretos velhos, caboclos etc.

Reconhecemos que ainda é preciso aprofundar mais sobre o campo das representações, ao qual esperamos dar prosseguimento em pesquisas futuras. Acreditamos que o mito iorubá deve ser valorizado enquanto patrimônio cultural por este ser parte da nossa cultura e identidade. Por isso, é fundamental fomentar nos jovens e educadores, o desejo de preservar as histórias particulares da comunidade narrativa a que pertencem. Eles devem ser estimulados para que tragam as histórias que conhecem, para que tenham orgulho delas e passem a contá-las em todos os

espaços possíveis. E aí poderemos incluir a TV, o rádio, a internet, o cinema. Os jovens são sem dúvida o nosso maior investimento para a continuidade desse elo. E como educadores temos que nos aprimorar cada vez mais, para dar conta dessa gigantesca responsabilidade, de fazê-los enxergar o mundo por seus próprios olhos e pelos olhos de seus ancestrais

5. REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sergio Paulo. **O mito africano no cotidiano dos afrodescendentes**. In: X Congresso Interacional da ALADAA, 2000, Rio de Janeiro. X Congresso Internacional da ALKADAA - Cultura, Poder e Tecnologia- Africa e Ásia face a globalização, 2000.

ARAUJO, P.C.A. Projeto a Cultura Afro-brasileira em sala de aula: dilemas e perspectiva de uma educação anti-racista. Campina Grande: UEPB, 2008.

CARVALHO, Francismar. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier**. Diálogos (Maringá), Maringá, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CHAGAS, W. F. **Cultura Afro-Brasileira na Escola: A Obrigatoriedade da Lei e o Compromisso Político**. In: Martinho Guedes Dos Santos Neto. (Org.). História Ensinada: Linguagens e Abordagens para a Sala de Aula. 1 ed. João Pessoa. Idéia, 2008, v. 1, p. 01-197.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger: **O Mundo Como Representação**, revista *Annales* (NOV-DEZ. 1989, Nº 6, pp. 1505-1520).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FERRAZ, Liz de Oliveira Motta: **História e Cinema**: luz, câmera, transposição didática. *I Semana Acadêmica de História: História e Educação em tempos de Inclusão, Faculdades Jorge Amado, 2005.*

LEITE, Vanderlei Furtado: **Candomblé e Educação**: *dos ilês as escolas oficiais de ensino*, 2006, 162 paginas, Dissertação, Universidade São Marcos, São Paulo 2006.

NAPOLITANO, Marcos: *Cinema: experiencial cultural e escolar*, **Caderno de Cinema do Professor**. Secretaria de educação, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão Africana no Brasil*: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, Ibeca, 2003.

PESSOA DE BARROS, J. F. . Xangô - a História que a escola ainda não contou.. In: Victor Vincent Valla. (Org.). *Religião e Cultura Popular*. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001, v. 1, p. 91-111.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista Usp*, São Paulo, n. 50, p. 46-65, 2001.

PRANDI, Reginaldo. . *Mitologia dos orixás*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 1. 592 p.

ROCHA, Everardo: **O que é Mito**, São Paulo, Editora Brasileira, 1996.

SANTANA, Marise de. O Legado Africano e o Trabalho Docente. Boletim 2006 Salto para o Futuro, v. 20, p. 38-50, 2006.